

---

## Letramento digital e combate à desinformação: um programa socioprático para escolas públicas<sup>1</sup>

Ana Paula de Moraes Teixeira<sup>2</sup>

Vitória Caregnato Nunes<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia

Grupo de Estudos Observatório da Opinião Pública na Arena Digital (O2PAD)

### RESUMO

Este relato é oriundo da experiência de um programa extensionista universitário, ainda em andamento, desenvolvido por alunos de graduação em Jornalismo e Pedagogia, para realizar a capacitação de professores de escolas públicas e instrumentalizá-los a trabalhar com estratégias de combate à desinformação por meio da ludicidade. O projeto leva em conta as atualizações práticas e conceituais sobre tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), incluindo uso de inteligência artificial (IA), desenvolvimento do pensamento crítico em face à plataformização das (in)formações e apropriação das principais recomendações para combate à desinformação tratadas pela Unesco e OCDE, dando prioridade às pautas relacionadas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável pactuados pela Organização das Nações Unidas (ONU). As práticas também recorrem a um referencial que trata da desinformação como algo distinto de fakenews, esta última contraditória aos preceitos do jornalismo profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desinformação; Prebunking; *Fact-Checking*; Agenda 2030; Plataformização.

### EXTRATO DA PESQUISA

As tecnologias digitais de comunicação e informação e a rápida expansão das redes da web repercutiram em todas as relações humanas contemporâneas, criou processos socioculturais dependentes de mobiles e interferiram amplamente nos modos de produção e distribuição da informação, que se tornou-se um bem disputado e de valor crescente. Com a difusão de diversas categorias de informações pelas mídias sociais, a checagem e a veracidade dos fatos passaram a ser (re)discutidas e questionadas pelo público. A confiabilidade das fontes, a correta apuração dos fatos e a edição coerente das informações, com linguagem eficiente e atraente para público, eram premissas inquestionáveis na era analógica.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP 4 Comunicação e Educação - XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia, líder do Grupo de Pesquisa O2PAD e tutora bolsista do FNDE para coordenar o Programa de Educação Tutorial (PET) Educomunicação – Conexão de Saberes, na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anapmt@ufu.br

<sup>3</sup> Aluna do Curso de Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de iniciação científica do CNPq Edital DIRPE 06/2022. E-mail: vitória.caregnato@ufu.br

---

Hoje, as antigas exigências passaram a figurar como elementos estratégicos e vitais, em meio à difusão acelerada de informações pela internet, principalmente pelas redes sociais, canais interativos de difusão comunicativa que facilitam a dispersão de informações inverídicas, de boatos, calúnias e de desinformações (tratadas pelo senso comum como *fake News*).

Plataformas como Facebook, Twitter e Whatsapp favorecem a replicação de informações mal apuradas, de boatos e mentiras intencionais. Grande parte do conteúdo compartilhado vem de conhecidos, pessoas em quem os usuários confiam. A aparente proximidade dos influenciadores aumenta o verniz de legitimidade das falsas histórias. Um exemplo concreto são os algoritmos utilizados pela Meta (proprietária do Facebook, Instagram, WhatsApp, etc.), que direcionam para cada usuário as informações que reforçam os seus pontos de vista repertoriais ou ideológicos; um processo seletivo nefasto que produz bolhas com indivíduos similares e isola as narrativas gerais, polariza os questionamentos à esquerda ou à direita, sem ocorrer uma diversidade mínima de visões conjunturais ou de argumentos.

Os veículos jornalísticos, que tradicionalmente são os responsáveis por checar os fatos, e construir narrativas com histórias baseadas na realidade, hoje enfrentam diversos obstáculos, tanto econômico, quanto tecnológico e profissional, para disputar espaço nas redes sociais. Em junho de 2017, o então Facebook alterou o seu algoritmo para diminuir o alcance de postagens de sites noticiosos derivados de veículos da “velha mídia” e assim, poder privilegiar os assuntos interpessoais, com temáticas praticamente domésticas, que são compartilhadas rotineiramente entre amigos e familiares.

Paralelamente a isso, a chamada “Economia Política da Atenção”, que explica o investimento das grandes empresas de tecnologias em recursos e métodos de customização da informação, para que o indivíduo permaneça cada vez mais tempo nas plataformas ditas sociais (utilizando de estratégias como rolagem infinita), é uma das responsáveis pela formação de comunidades virtuais, mormente engajadas em clusters temáticos por onde também circulam conteúdos distorcidos ou retirados de contexto, que posteriormente são compartilhados em redes de bate-papo ainda mais pessoais e com repercussão instantânea. Shoshana Zuboff (2021), analisa o complexo negócio das chamadas “Big Tecs”, na perspectiva do capitalismo da vigilância.

Conforme é detalhado no bojo da pesquisa, no tratamento inicial da discussão sobre desinformação com os públicos relacionados ao projeto utiliza-se do termo

---

“fakenews”, como nomenclatura de interface de apresentação, porém, como uma possível tradução deste termo é notícia falsa, a equipe acompanha a refutação do jornalismo profissional, de que, se é “news” não pode ser fake, já que há no jornalismo técnicas consolidadas de apuração para garantir que uma notícia tenha reconhecida sua credibilidade. Já informação, esta sim, pode ser falsa; por isso, é a desinformação que é utilizada como forma mais viável de se pautar a prática de deliberadamente fabricar/distorcer/retirar informações de contexto.

Inúmeras iniciativas multissetoriais foram levantadas, para subsídio e compreensão de práticas que pudessem ser engendradas na tentativa de mitigar os efeitos do rápido espalhamento desses conteúdos, que, no limite, são deflagradores de alteração no comportamento das pessoas, e que, muitas vezes levam à polarização de discussões que afetam a saúde e o bem-estar social.

Os movimentos anti-ciência talvez tenham ficado mais evidentes e com consequências devastadoras no período da pandemia, entretanto, o negacionismo científico e a disseminação de teorias que desacreditam fenômenos como a aquecimento global e suas consequências circulam há muito tempo.

A hesitação vacinal, como decorrência de opiniões emitidas para desacreditar a ciências e as instituições, são exemplos de como a popularidade e a disseminação em escala, promovida pela plataformização e pela lógica algorítmica de (super) distribuir conteúdos enganosos ou falsos a públicos específicos, levando em conta a personalização de cada um desses perfis, talvez seja um dos grandes fatores que mais fortalecem a necessidade de se trabalhar com públicos jovens, para que se tenha alguma possibilidade de reversão dos movimentos de desacreditação nas instituições.

Como o projeto lida com públicos vulneráveis, porque o público a ser atingido, em um segundo momento, são crianças e adolescentes, ainda em fase de formação e que também estão imersos em formas de sociabilidade propícias ao espalhamento de conteúdos maliciosos, principalmente os que tratam os assuntos de maneira irônica, controversa, preconceituosa, duvidosa, caricata; a busca na pesquisa foi por encontrar estratégias que levassem em conta metodologias ativas que pudessem envolver os públicos em afeto e em linguagem, por isso a escolha de jogos, exercícios e dinâmicas que “treinam” o olhar para a ação maliciosa de formulação de uma “peça” enganosa, expondo-os antecipadamente a cenários possíveis de desinformação. Essa técnica, também denominada de *prebunking*, é compreendida por estudiosos da Universidade de

---

Cambridge como uma espécie de “inoculação” psicológica que atua preventivamente – como uma espécie de vacinação - para alertar sobre o excesso de confiança em conteúdos que são comum e popularmente compartilhados por mensagens ponto a ponto ou pelas mídias sociais.

A finalidade da extensão, portanto, cumprindo uma série de ações intervencionistas, além de promover o pensamento crítico e prevenir jovens e adolescentes contra desinformações, a partir de um programa de letramento digital baseado em dinâmicas lúdicas, também aspirava por uma formação educacional mais ampla, incluindo professores e agentes de ensino interessados.

Entre os objetivos traçados para consecução da extensão, cabe destaque a 1) capacitar professores e agentes de ensino para trabalharem com estratégias de *prebunking* de forma transversal, para suprir as vulnerabilidades dos alunos à exposição de informações falsas, em especial sobre assuntos relacionados à Agenda 2030, como saúde e bem-estar; e educação de qualidade; 2) produzir de uma cartilha didática para ser utilizada nos encontros de formação e sensibilização dos docentes, em frentes de literacia informacional, alfabetização midiática e leitura crítica dos meios; 3) ampliar o debate entre os alunos sobre a circulação da desinformação e sobre as vulnerabilidades sociais e consequências para a democracia, o estado de direito e os direitos fundamentais; 4) construir um canal dialógico entre a Universidade e os atores da Rede Pública de ensino, no sentido do compartilhamento de saberes relacionados às suas realidades vivenciadas, no que tange suas percepções sobre o papel e as responsabilidades da mídia, da Universidade e das políticas públicas em relação às ações empreendidas para o combate à desinformação.

Também é necessário identificar que o projeto priorizou por pautas indutoras dos objetivos de desenvolvimento sustentável para a manutenção de um mundo mais inclusivo, que necessariamente requer um “compromisso da sociedade civil brasileira com a informação baseada em evidências e com a transparência, requisitos fundamentais para orientar as políticas públicas e alimentar a cultura democrática e de participação cidadã que tanto prezamos”, conforme afirma o Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para Agenda 2030 e parceiros, no IV Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 de desenvolvimento sustentável Brasil. (2020)

A fase atual do projeto é a consolidação de uma curadoria de conteúdos para edição do material de capacitação dos professores. O início da formação

educ comunicativa em Letramento Digital está prevista para o segundo semestre de 2024. Incluem, no material, além de propostas didáticas e de dinâmicas sociopráticas para prevenção contra conteúdos enganosos, um material de apoio instrucional cujas abordagens tratam do contexto da desinformação no Brasil, exemplos de desinformação nas mídias sociais e ciberativismos; materiais, protocolos e métodos de combate à desinformação, tais como referências a publicações contendo passo a passo sobre como identificar publicações nocivas; estratégias de combate à desinformação voltadas para públicos juvenis; estudo de casos cujos exemplos tratam de crimes de ódio contra LGBTs hesitação vacinal (no caso HPV), assuntos que deflagram *bullying* e soluções para uma cidadania digital a partir do lúdico, além de prevenções às vulnerabilidades digitais. Com o conteúdo proposto, os professores serão capazes de potencializar as já rotineiras oficinas de checagem e verificação de informações (*fact-checking*) realizadas pelos alunos de graduação do PET e do grupo O2PAD, além de discutirem e proporem métodos inovadores de instrumentalização da criticidade cívica e formação crítica das audiências (estudantes) em idade ainda em formação.

## REFERÊNCIAS

IV RELATÓRIO LUZ DA SOCIEDADE CIVIL DA AGENDA 2030 DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL BRASIL. Disponível em: [https://gtagenda2030.org.br/wp-content/uploads/2020/08/por\\_rl\\_2020\\_web-1.pdf](https://gtagenda2030.org.br/wp-content/uploads/2020/08/por_rl_2020_web-1.pdf)  
Acesso em: 04 fev .2024

OCDE. **Comunicação pública responde aos desafios da desinformação. inema nacional:** Relatório da OCDE sobre Comunicação Pública: o contexto global e o caminho a seguir.

BOMAN, Courtney D. Examining characteristics of prebunking strategies to overcome PR disinformation attacks. *Public Relations Review*, v. 47, n. 5, p. 102-105, 2021.

OCDE. **Kit de ferramentas de combate à desinformação: Comunicações estratégicas para reduzir o impacto da informação errada e da desinformação.** Disponível em <https://www.oecd.org/stories/dis-misinformation-hub/counter-disinformation-toolkit-strategic-communications-to-reduce-the-impact-of-mis-and-disinformation-1c2c918b/> Acesso em fev 2024.

UNESCO. **Jornalismo, 'Fake News' e Desinformação: Um Manual para Educação e Formação em Jornalismo.** Disponível em: <https://en.unesco.org/fightfakenews>

NAÇÕES UNIDAS – BRASIL. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no Brasil.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021

KERTYSOVA, Katarina. **Artificial Intelligence and Disinformation: How AI Changes the Way Disinformation is Produced, Disseminated, and Can Be Countered.** Security and Human Rights, v. 29, n. 1-4, p. 55-81, 201

JONES-JANG, SM, MORTENSEN, T. E LIU, J. **A literacia mediática ajuda na identificação de notícias falsas? A alfabetização informacional ajuda, mas outras alfabetizações não.** Cientista Comportamental Americano: 2021 65 (2), 371–388. doi: 10.1177/0002764219869406